

## TODOS SOMOS MISTIÇOS, MAS NÃO SOMOS IGUAIS: A IDENTIDADE CABO-VERDIANA EM A *MATRIARCA*

Sonia María Chacaliaza Cruz (UESC)<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo analisar os aspectos culturais que constroem a identidade cabo-verdiana em *A matriarca* (2017), de Vera Duarte. Discutem-se as concepções de mestiçagem que se elaboram dentro do romance. Por um lado, é vista como superação da herança colonial e é entendida como um sistema social e cultural que promove e permite a convivência harmoniosa dos cidadãos. Por outro, a mestiçagem também pode ser lida, dentro do romance, como um discurso que mascara algumas práticas coloniais/discriminatórias naturalizadas no imaginário cultural do país. Para tal finalidade, foi necessário o auxílio das teorias pós-coloniais, especialmente das propostas de Stuart Hall (2003, 2006, 2017) e Edward Said (1995, 2005) que versam sobre a construção identitária. Dessa forma, conclui-se que, no romance, a cabo-verdianidade é uma construção cultural e dinâmica da sociedade ora servindo na identificação com o “outro” ora permitindo o reforço de estereótipos discriminatórios historicamente aprendidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** cabo-verdianidade; identidade cultural; colonialismo; mestiçagem.

**RESUMEN:** Este artículo tiene por objetivo analizar los aspectos culturales que construyen la identidad cabo-verdiana en la novela *A matriarca* (2017), de Vera Duarte. Se problematiza las concepciones de mestizaje elaboradas en la novela. Por un lado, es vista como superación de la herencia colonial y es entendida como un sistema social y cultural que promueve y permite la convivencia armónica de los ciudadanos. Por otro, el mestizaje también puede ser leído, en la novela, como un discurso de oculta algunas prácticas coloniales/discriminatorias naturalizadas en el imaginario cultural del país. Para este análisis, fue necesario ampararse en teorías poscoloniales, especialmente en las propuestas de Stuart Hall (2003, 2006, 2017) y Edward Said (1995, 2005) que abordan la construcción identitaria. De esta forma, se concluye que, en la novela, la *cabo-verdianidade* es una construcción cultural y dinámica de la sociedad que sirve tanto para la identificación con el “otro” como para reforzar estereotipos históricamente aprendidos.

**PALABRAS-CLAVE:** *cabo-verdianidade*; identidad cultural; colonialismo; mestizaje.

### INTRODUÇÃO

Pensar sobre as identidades nacionais de países ex-colônias não é uma empreita fácil. E torna-se ainda mais complexa se esses países são repúblicas relativamente jovens. É o caso de Cabo Verde, conjunto de dez ilhas habitadas sob regime colonial português desde finais do século XV, que conseguiu sua independência em 1975. Porém, ao longo da vida colonial,

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras no PPGL Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Possui graduação em Literatura - Universidad Nacional Mayor de San Marcos (2010) e mestrado em Estudos de Literatura pela Universidade Federal de São Carlos (2017). E-mail: [sonia.chacaliaza@gmail.com](mailto:sonia.chacaliaza@gmail.com)

forjou-se um sentimento de pertença: a “cabo-verdianidade”, alicerçada na língua crioula e na mestiçagem. A literatura, como manifestação sociocultural, contribuiu a reforçar a importância do crioulo e do mestiço na construção da identidade dessas ilhas. Um exemplo é o movimento Claridade, cuja revista homônima, publicada entre 1930 e 1960, apresentava e defendia a afirmação de uma identidade autônoma, diferente da europeia e da africana, mas que era consequência da mistura de ambas as raças. Assim, a cabo-verdianidade proposta por eles estava cimentada nas tradições locais e na miscigenação dos migrantes que povoaram as ilhas. Sob a influência do antropólogo brasileiro Gilberto Freyre, os claridosos encontraram no lusotropicalismo e na democracia racial as bases para a consolidação de uma identidade mestiça que se destaca pela harmonia racial e, em consequência, que combate o racismo, devido ao fato de que sua origem é o entrecruzamento de diversas culturas que confluíram e coabitaram essas ilhas.

Sob essa linha, a da procura de uma identidade nacional, podemos incluir *A matriarca* (2017), de Vera Duarte. Em entrevista com Amâncio Miguel (2017), a autora indica que o romance aborda aspectos da história e da identidade do país que foram pouco desenvolvidos ou esquecidos no discurso oficial, bem como mostra a influência da contemporaneidade nessa construção identitária. Assim, no presente artigo, pretendemos analisar quais são os elementos que conformam a cabo-verdianidade no romance e de que maneira a mestiçagem pode ser entendida, por um lado, como uma superação da herança colonial e, por outro, como um discurso que mascara algumas práticas coloniais naturalizadas no imaginário cultural do país. Para tal finalidade, nos basearemos nas teorias de autores pós-coloniais, especialmente nas propostas de Stuart Hall (2003, 2006, 2017) e Edward Said (1995, 2005) que versam sobre a construção identitária. Dessa forma, objetivamos apontar que, no romance, a cabo-verdianidade é uma construção cultural e dinâmica da sociedade ora servindo na identificação com o “outro” ora permitindo o reforço de estereótipos discriminatórios historicamente aprendidos.

## **DO QUE FALAMOS QUANDO FALAMOS DE IDENTIDADE?**

Em entrevista concedida a Peter Osborne e Lynne Segal, Stuart Hall (2017) argumenta que a identidade não é uma posição fixa, pois varia dependendo das influências que recebe e as marcas sociais que a atravessam. Por outro lado, em *A identidade cultural pós-moderna* (2006), Hall argumenta que existem três concepções de identidade: o sujeito do Iluminismo, o sociológico e o pós-moderno. O primeiro – sujeito do Iluminismo – é “um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’

consistia num núcleo interior” (HALL, 2006, p. 10). Assim, a identidade é centrada, invariável e essencialmente imutável. Já o sujeito sociológico se fundamenta em uma identidade formada na interação entre o indivíduo e a sociedade. “A identidade, costura [...] o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados” (HALL, 2010, p. 12). Posteriormente, continua Hall, na pós-modernidade se “descosem” as uniões dessas identidades estáveis. Assim, ela deixa de ser fixa e permanente, e passa a ser “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2010, p. 13), construindo um sistema cujo “centro” é descentrado e deslocado constantemente.

Seguindo Hall, entendemos que o descentramento do indivíduo também afeta a coletividade. Dessa forma, identidades nacionais são atravessadas por esses deslocamentos, problematizando a essencialidade com que foram definidas no passado e mostrando-as como discursos socialmente criados. As “identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*” (HALL, 2010, p. 48, grifo do autor). O sujeito nacional é imaginado, criado a partir da memória coletiva e de artefatos de arte e cultura (HALL, 2003). A procura por uma única origem é ilusória, pois as origens (no plural) de um país se constroem a partir da diáspora de povos diversos que confluem em um território determinado. Ao referir-se à experiência caribenha, o sociólogo indica que:

Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas. Aqueles aos quais originalmente a terra pertencia, em geral, pereceram há muito tempo – dizimados pelo trabalho pesado e a doença. A terra não pode ser “sagrada”, pois foi “violada” – não vazia, mas esvaziada. **Todos que estão aqui pertenciam originalmente a outro lugar.** Longe de constituir uma continuidade com os nossos passados, **nossa relação com essa história está marcada pelas rupturas [...]**. (HALL, 2003, p. 30, grifos nossos)

A diáspora produz a interação de culturas diversas, cujo resultado híbrido não permite desagregar os elementos “autênticos” que configuraram sua origem (HALL, 2003, p. 31). Porém, ela e sua influência na construção da identidade é visível em diversas manifestações culturais como a música, literatura e a linguagem que se desenvolvem no lugar em que o sujeito diaspórico se insere. Essa troca cultural, além de dinâmica, é de mão dupla, pois assim como o sujeito diaspórico influencia na sociedade em que se instala, ele também é afetado e modificado pelos costumes dessa sociedade.

Em diálogo com as propostas de Hall, Edward Said (2005) argumenta que as identidades não aparecem do nada, elas são construídas coletivamente na base de experiências, memórias, tradições, práticas e expressões políticas, culturais e sociais diversas. Segundo ele, “todas as culturas são híbridas; nenhuma é pura, nenhuma é idêntica de um povo racialmente puro; nenhuma conforma um tecido homogêneo” (SAID, 2005, p. 50, tradução nossa)<sup>2</sup>. Além de entender a cultura como híbrida, Said também destaca o papel fundamental da literatura na construção de identidades, aproximando, assim, o texto literário com seu tempo:

Perder de vista ou ignorar o contexto nacional e internacional, digamos, das representações que Dickens fez dos homens de negócios vitorianos, e focar apenas na coerência interna de seus papéis nos romances do autor é perder uma ligação essencial entre sua ficção e o mundo histórico dessa ficção. E compreender essa ligação não significa reduzir ou diminuir o valor dos romances como obras de arte: pelo contrário, devido à sua *concretude*, devido a suas complexas filiações a seu quadro real, eles são *mais* interessantes e *mais* preciosos como obras de arte. (SAID, 1995, p. 36, grifos do autor)

Embora o foco principal de Said é a análise de romances oitocentistas europeus observando neles a cultura imperialista, é possível expandir essa perspectiva para produções literárias elaboradas em países ex-colônias e por sujeitos afetados pela herança colonial. Consideramos que nesses romances também se observam as relações que forjam a identidade cultural, pois “a cultura sempre é histórica, e sempre está ancorada num lugar, num tempo e numa sociedade determinados” (SAID, 2005, p. 52, tradução nossa)<sup>3</sup>. Dessa forma, a identidade cabo-verdiana elaborada no romance está construída a partir de um desejo de autonomia e uma sociedade crioula em que confluem diversos povos, mas que também é elaborada a partir dos “resíduos do imperialismo” (SAID, 1995) assentados no imaginário social do país.

## **TODOS SOMOS MESTIÇOS: CONSTRUÇÃO DINÂMICA DA IDENTIDADE CRIOLA**

A *Matriarca*: Uma Estória de Mestiçagens (2017) é o segundo romance da escritora cabo-verdiana Vera Duarte. A obra é um romance que apresenta diversas vozes narrativas que

---

<sup>2</sup> No original: “Todas las culturas son híbridas; ninguna es pura; ninguna es idéntica a un pueblo racialmente puro; ninguna conforma un tejido homogéneo”. As traduções do espanhol nesse artigo são da minha autoria.

<sup>3</sup> No original: “La cultura es siempre histórica, y siempre está anclada en un lugar, un tiempo y una sociedad determinados”.

*representam*, interpretam e *reconstroem* a história do povo cabo-verdiano na vivência da família Serrulha Lopes. A protagonista é Ester uma jovem médica que é convidada para participar de um Seminário sobre as origens do povo cabo-verdiano. Esse é o ponto de partida para suas pesquisas sobre as origens de sua família, que opera como metáfora da história nacional. Ester vai (re)criar a sua ancestralidade auxiliando-se em investigações históricas, literárias e na memória coletiva, assim como vai construir parte dessa história desde as experiências que ela vivencia no decorrer da trama. O romance está dividido em quatro partes, com pulos temporais e espaciais. Porém, o presente da personagem está situado no século XXI.

A família de Ester tem em Sulamita Serrulha Lopes a figura da matriarca. Ela é o seu pilar, pois permitiu a proliferação da sua descendência, assim como vigia a manutenção e bem-estar dos seus integrantes. Um exemplo é o marido de Mena (a filha mais velha da matriarca), quem depois da morte da esposa fica na casa de Sulamita, sob o resguardo dela na tentativa de superar a perda e se acostumar com a viuvez. A família Serrulha Lopes é a metáfora de Cabo Verde, porque dentro dela encontram-se personagens que apresentam vários elementos do que temos denominado identidade dinâmica. Apontamos a seguir, quatro que consideramos chave para entender essa construção identitária: a herança africana; a chegada e consolidação de costumes forâneos; a emigração de cabo-verdianos a outros países; o retorno de emigrantes.

A herança africana está representada pelo lado paterno de Ester. A relação entre a protagonista e o pai não é desenvolvida no romance, ele não aparece como personagem, por isso, a alternativa de Ester para conhecer essa linha genealógica é a procura em fontes externas, como livros e documentos que procura em diversos lugares:

Se chegar à ancestralidade da família da mãe fora relativamente fácil, bem diferente se apresentava o empreendimento de chegar às origens do pai.

Ester procurava e procurava. Lia livros. Falava com os mais velhos. A única certeza que tinha é que o pai descendia diretamente dos homens e mulheres que vieram do continente africano, a maioria dos quais na humilhante condição de escravizados.

Demasiados anos se tinham passado sem o registro individual desses seres humanos que por longo tempo nem tinham sido considerados nos censos como cidadãos. Apenas como peças. (DUARTE, 2017, p. 69)

Nessa passagem encontramos que a sociedade apagou o lado africano da história do país. Eles eram majoritariamente escravos, portanto, não mereciam aparecer nos livros, não faziam parte da memória coletiva (transmitida pelos velhos), e ainda menos eram registrados

nos listados oficiais, pois não eram considerados cidadãos, eram objetos ou peças que estavam nas ilhas para obedecer e satisfazer as necessidades das elites. Devido a essa desídia por parte das autoridades e da sociedade, a protagonista teve que “inventar” sua ancestralidade africana. Esse apagamento deliberado alimenta a noção de que o negro não tem um longo passado histórico, não tem cultura. Não obstante, ele também é o impulso que motiva os negros contemporâneos a não poupam esforços “em provar ao mundo branco, custe o que custar, a existência de uma civilização negra” (FANON, 2008, p. 46). Assim, no romance encontramos a figura do escravo João como a representação dessa ancestralidade africana, que forja a identidade da personagem e cujo espírito – incorporado numa sessão do centro espírita – vai guiar o caminho de Ester na busca do “verdadeiro” amor.

O segundo elemento é a influência de outras culturas que chegaram nas ilhas. É necessário assinalar que aqui apontaremos manifestações culturais que não foram assimiladas diretamente da cultura europeia, mas que antes disso foram interiorizadas e adaptadas a outras sociedades. É o caso da religião espírita ou como é mencionado no romance, o Racionalismo Cristão:

— O Racionalismo Cristão veio para Cabo Verde através do Brasil nos inícios do século vinte, pouco depois da implantação da República em Portugal. Parece que nasceu em Londres no século dezoito e daí foi para a França e depois levado para o Brasil por Allan Kardec.

Um cabo-verdiano chamado Maninho de Burgo, que trabalhou como médium no centro dirigido por Luís de Mattos no Brasil é que o trouxe para Cabo Verde.

— Mas tia já ouvi dizer que antes era proibido.

— Realmente foi uma prática clandestina até a proclamação da independência e por isso as sessões decorriam em casas discretas, em ruas pouco iluminadas o que lhes dava um ar de mistério. Depois as coisas mudaram... (DUARTE, 2017, p. 41)

A chegada e assimilação da religião espírita é um dos exemplos mais ilustrativos sobre a influência de outras culturas nas ilhas. Ela se instala na sociedade como alternativa ao catolicismo. Durante a colônia, o culto e seus praticantes foram perseguidos, motivo pelo qual deviam atuar na clandestinidade, mas com a independência a prática espírita começou a ser visibilizada e aceita abertamente. Embora o racionalismo cristão tenha suas origens na Europa, ele é levado às ilhas por um cabo-verdiano – que retorna da diáspora – demonstrando que a identidade também é formada por costumes forâneos que acabam sendo assimilados. Como apontado por Gilroy (2001), as culturas africanas influenciam outras sociedades (na linha da

religião, pensamos no candomblé, vudu, umbanda ou rastafarismo), mas ela também é influenciada por aportes que outras sociedades. Assim, o racionalismo cristão é uma amostra de que essa cultura não é pura, hermeticamente fechada ou homogênea (GILROY, 2001). Ainda sobre o racionalismo, no romance se indica que:

Na Praia já havia várias casas racionalistas embora fosse em São Vicente que se registrava a maior presença do racionalismo cristão. O curioso é que **depois do Brasil, diz-se que são os cabo-verdianos os maiores difusores desta doutrina espiritualista** e têm-na levado um pouco por toda parte, acompanhando o forte movimento de diáspora que sempre caracterizou o povo cabo-verdiano. (DUARTE, 2017, p. 68, grifos nossos)

Os movimentos que se realizam a partir da cultura, sua assimilação e sua difusão são como os navios negreiros, vem, vão, retornam e voltam a partir. A chegada do racionalismo cristão em Cabo Verde, não implica só a sua incorporação e expansão local – presente nas ilhas do Sotavento (Santiago) e do Barlavento (São Vicente) – também contribui para a expansão externa a partir da migração cabo-verdiana a outros países.

Por outro lado, nessa passagem podemos observar o terceiro aspecto da identidade crioula: a diáspora. Não obstante, para falar dela, utilizamos um exemplo bastante desenvolvido no romance, o crioulo:

[...] ela [Ester] teve a maior lição de crioulo, como poderia denominar-se a língua mista de francês, português e crioulo, que as muitas emigrantes cabo-verdianas falavam em França, pois ela só encontrou mulheres. Sobretudo as de extratos de mais baixa renda como era a mulher-a-dias que trabalhava em casa da tia Nanda oriunda de Santo Antão. Ester não podia aguentar de tanto rir quando ela falava. Ela era muito faladeira e, da forma mais angelical, desfraldava o seu crioulo — *Mnina, el invite me pam ba tmá um verre*, referindo-se a um pretendente, um polícia, que a convidara para ir tomar um copo, e — *sun ca pol gel el ta gonflê*, era o cabelo que tinha de pôr gel para não ficar inchado. — *Esse ê nha peti fis. Vê com el ê joli*, e mostrava a fotografia do netinho toda orgulhosa. (DUARTE, 2017, p. 104).

É visível, no trecho, que o crioulo é usado por emigrantes cabo-verdianos e essa variante linguística afeta tanto a língua popular cabo-verdiana<sup>4</sup> quanto as línguas pertencentes a “alta cultura”, o português e o francês. Essa nova língua é, como proposto por Hall (2003), um espaço de contestação que afeta as relações entre a chamada “alta cultura” e a “cultura popular”, pois esta consegue se infiltrar no interior das grandes metrópoles e se misturar com a hegemonia linguística colonial, ela “invade” as metrópoles e modifica a sua cultura em um processo de transculturação (HALL, 2003), porque é um “fenômeno linguístico que se repete, com as respectivas variantes, consoante o destino da emigração fosse França, Estados Unidos, Itália [...]” (DUARTE, 2017, p. 105). Dessa forma, a identidade cabo-verdiana alimenta e se alimenta de outras culturas em um processo constante de formação e transformação.

Como quarto aspecto temos o retorno de sujeitos diaspóricos às ilhas. Nesse caso, usamos como exemplo a vivência de Ester e os amigos dela. O capítulo em que se descreve as *xintadas* apresenta-se como um exemplo da influência contemporânea da globalização e da cultura capitalista dominante na sociedade cabo-verdiana, especialmente entre os jovens. Como indica Said (1995), as culturas adotam em maior medida elementos estrangeiros, alteridades e diferenças do que a sua exclusão. Assim, Ester e seus amigos compram em *shoppings*, vão a *dance music*, tomam *drinks*, assistem a festas de *réveillon* e falam de *football*. Percebe-se a ênfase colocada no romance para indicar que esses jovens estão influenciados tanto pela cultura portuguesa – país onde realizaram seus estudos universitários – quanto pela cultura de massas provinda de Estados Unidos.

Todos esses elementos analisados são a base para a construção de uma identidade híbrida, dinâmica e transcultural. Embora foram analisados separadamente, eles se misturam constantemente e auxiliam na elaboração da visão positiva da mestiçagem dentro do romance, em uma tentativa por mostrar que a harmonia racial é possível e que, a partir dela, se superam discriminações e racismos.

Era bonito ver aquela juventude saudável que **esqueceu** ou não chegou a conhecer bem o **gosto amargo** de muitos preconceitos nomeadamente **da discriminação sexual e racial**. Esta, pelo menos, na forma revoltante, estereotipada e nojenta como se tinha manifestado ao longo da história e como tinha causado tanto sofrimento às pessoas que se viam sujeitas a ela.

---

<sup>4</sup> A língua crioula é resultado do contato de indivíduos de várias “nações” e das vivências sociais de uma minoria europeia e uma maioria africana. Embora a língua oficial seja o português, o crioulo é massivamente usado no dia-a-dia (MADEIRA, João).

**Hoje eles vivem todos juntos e misturados.** Pretos de cabelo liso, brancos de carapinha, mestiços de cor de chocolate e fartos cabelos encaracolados em claro desafio ao dramático branco de cabelo fino e preto de cabelo crespo, que tanta crispação e sofrimento trouxeram e trazem ao convívio humano.

Eles eram todos lindos e a mestiçagem se revelava desde as peles mais claras às mais escuras. **Todos mestiços** pois a sua origem não enganava. Todos resultaram do **encontro de pretos e brancos** que ocorrera no povoamento destas ilhas e, num parto doloroso, como todos os partos, mas também glorioso, como todos os partos, **dera origem a este crioulo africano** que é o cabo-verdiano.

**Cabo Verde era conhecido como uma notável experiência de mestiçagem** e o fenómeno do racismo não era preponderante na sociedade cabo-verdiana. (DUARTE, 2017, p. 84-85, grifos nossos).

No trecho percebe-se uma superação de estereótipos discriminatórios, é uma visão romântica, quase utópica, da mestiçagem como sistema harmônico de convivência. Para entender a visão apresentada, precisamos compreender a importância da identidade nacional como discurso moderno-colonial. Da mesma forma que acontecia com as propostas dos claridosos, no romance se desenvolve uma perspectiva positiva da mestiçagem cabo-verdiana que apaga as diferenças de classe, gênero e raça. A mestiçagem aparece como a superação da herança colonial, especialmente a superação do racismo. Porém, nessa tentativa acaba se caindo em resíduos imperialistas (SAID, 1995) que não são percebidos devido a assimilação e naturalização dessas práticas. Assim, a mestiçagem como identidade está intimamente vinculada ao conceito de ideal nacional moderno-colonial, ao se constituir como tentativa unificadora e essencialista da sociedade. Essa perspectiva homogênea a identidade do país, apagando as diferenças e desigualdades de classe, gênero – e também raça – que existem no interior da sociedade cabo-verdiana. A seguir, assinalaremos alguns aspectos que permitem entender de que forma a identidade mestiça dentro do romance é apresentada desde uma visão unificadora e moderna-colonial da cabo-verdianidade.

## **NÃO TODOS SOMOS IGUAIS: IDENTIDADES IMAGINADAS E RESÍDUOS IMPERIALISTAS**

Stuart Hall (2006) identifica cinco elementos na construção da identidade nacional: a narrativa da nação; a ênfase nas origens, na tradição e na intemporalidade; a invenção da tradição; o mito fundacional; e a ideia de um povo ou folclore original. O romance encaixa como um dos elementos – o primeiro – na construção ou reafirmação da identidade nacional.

Por outro lado, internamente também apresenta os outros elementos. Ester está constantemente preocupada por enfatizar suas origens, articula-se dentro do livro a invenção de uma tradição familiar e de um mito fundacional na figura de escravo João. Da mesma forma, a mestiçagem é vista como “única”, “original”, como “notável experiência”; diferenciando-a de outras nações em que a mestiçagem também está presente.

Assim, a visão da mestiçagem apresentada no romance é ilusória, é mais um anseio do que uma experiência concreta. Por esse motivo, e seguindo Said (2005), o romance apresenta-se como uma manifestação cultural complexa, irreconciliável e contraditória. Essas características tornam-na ainda mais desafiante. Se pensarmos ele desde a sua contradição, é necessária uma breve análise dos resíduos imperialistas (SAID, 1995, p. 44) existentes nesse discurso literário, como a continuidade de atitudes colonialistas e a profunda interdependência que ainda existe entre ex-colônias e impérios. Dessa forma, aparece a adesão do colonizado (nesse caso ex-colonizado) à colonização como consequência desse processo de subordinação (MEMMI, 1967). Nessa adesão, o ex-colonizado replica reiteradamente atitudes do colonizador, e essa repetição naturaliza tais atitudes e costumes. O exemplo mais evidente, no romance, é a incorporação de determinadas atitudes conservadoras por parte de Ester, especialmente em relação com o gênero. Ela critica a mãe – Salomé – por viver a vida fora dos preceitos conservadores e católicos. Salomé nunca se casou, sempre teve relacionamentos livres, sem se comprometer com nenhum homem, gosta de festas e de se divertir, atitudes que são criticadas pela filha:

E no fundo [Ester] era bem crítica da vida bastante boémia que a sua mãe levava. [...]

Ester estava convencida de que a mãe, o que buscava, era companhia para conversar e beber uns copos e que essa de ser cantora em bares e eventos não a levaria a lado nenhum [...].

Com o tempo achou que era melhor ir viver sozinha e assim, quando regressou de Coimbra, terminado o curso de medicina, resolveu ir viver na Praia onde as propostas eram mais aliciantes e teria a companhia de muitos dos seus primos

Talvez, lá no fundo, ela também não quisesse ficar a viver com aquela mãe cujo estilo de vida não lhe agradava. (DUARTE, 2017, p. 28).

Observamos atitudes conservadoras de Ester que provêm da herança colonial, a visão estereotipada da mulher bela, recatada e do lar encontra-se nitidamente representada pela crítica a atitudes contrárias a esse modelo. Por outro lado, observa-se uma atitude colonialista sobre as “profissões”, Ester desestima a carreira de cantora da mãe, considera que não levaria ela para

lugar nenhum; entanto que ela, formada em medicina, obterá maiores possibilidades de ter sucesso na vida. Aparece assim a diferença social pela classe e a profissão. Dependendo da profissão que a pessoa tem, poderá ou não ser bem sucedido econômica e socialmente.

Outra atitude conservadora sobre o gênero, aparece em uma discussão entre ela e Vasco, primo e grande amigo, com quem discute sobre a violência doméstica contra as mulheres e a tia Judite.

— Na verdade Ester, acho que ela [tia Judite] é uma pessoa extraordinária. Vê só a campanha que ela faz contra a violência contra as mulheres. Se todas fossem como ela já não haveria nenhuma mulher a ser espancada nessa nossa terra.

— Mas ela não é nenhuma santa pois já vai no terceiro casamento, retrucou Ester que via com algum desconforto o facto de a tia ter sido casada três vezes. (DUARTE, 2017, p. 139-140).

Novamente aparece o incômodo da personagem por atitudes de mulheres que não mantêm o padrão estereotipado de mulher. Contudo, esse incômodo e essa percepção conservadora é contestada pela própria personagem com as suas escolhas amorosas. Ester casa com Carlos e depois de algum tempo de casados, divorciam-se. Logo após, ela começa um relacionamento com Peter, um “primo” filho do tio Xande e Salomé, mulher sueca que conhece e abandona grávida na Alemanha. Observamos assim, as contradições internas da personagem dentro do romance, contradições próprias de sujeitos que foram colonizados.

Por outro lado, também observamos que existe uma diferenciação nos relacionamentos estabelecidos entre a protagonista e os parceiros, dependendo da cor de pele e da cultura que representam. Pensando com Fanon (2008), sabemos que um negro estabelece relacionamentos distintos quando se encontra com outro negro ou com um branco. Essa diferença é perceptível no romance nos relacionamentos amorosos de Ester. Ela teve dois namorados “filhos da terra” – como define Iva Cabral (2005) – Chiquinho e Carlos. Porém, nenhum dos dois foi o seu “grande” amor. Embora casou-se com Carlos, o matrimônio acabou um par de anos depois, porque o relacionamento tornou-se frio e faltava a paixão. Quando Ester conhece Peter, ela experimenta sentimentos desconhecidos até então, mas só alguns anos depois eles encaram os sentimentos mútuos. No final do romance, Peter – criado na Europa e sob costumes europeu, mas filho de um cabo-verdiano – e Ester casam-se, mostrando que o destino e a felicidade estão do lado mais branco da história por mais tentativas e esforços para que funcione a harmonia e a felicidade entre os “filhos da terra”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identidade cultural é um discurso ideológico que na contemporaneidade tem sido repensado. Assim a visão fixa e imutável cedeu passo para uma visão variável, dinâmica e não essencialista que permite observar as continuidades e as contradições dos discursos sobre a identidade nacional.

A *Matriarca* (2017), romance escrito por Vera Duarte é uma obra que pretende revisar e revisitar a identidade mestiça cabo-verdiana. Assim encontramos quatro elementos fundamentais para a construção de uma identidade dinâmica que vai se alimentando de influências internas e externas de forma constante. Os elementos estudados foram a herança africana; a chegada e consolidação de costumes forâneos; a emigração de cabo-verdianos a outros países; o retorno de emigrantes.

Essa revisão mostra não só o ideal de nação (homogênea na sua heterogeneidade) presente nos discursos que enfatizam a cabo-verdianidade, como também revela as contradições internas desse discurso. É ilustrativo o papel fundamental da personagem principal, Ester, na procura dessas continuidades com o discurso nacional e contradições (resíduos coloniais) próprias de repúblicas jovens que viveram mais de quinhentos anos sob o domínio dos impérios.

Dessa forma, embora a mestiçagem ideal seja o foco principal do romance, encontram-se atitudes conservadoras – especialmente aquelas vinculadas ao gênero – que tornam a personagem, e o romance, em um produto complexo. Assim, a identidade caboverdiana dentro da obra pode ser entendida como um discurso aberto, plausível de diversas análises que convergem e divergem.

Por último, acreditamos que essa visão harmônica da mestiçagem não é mais do que um discurso elaborado como essencialismo estratégico (HALL, 2017), mas que deve ser lido de forma crítica, porque – parafraseando Memmi – as ideologias das classes dominantes são facilmente adotadas pelas classes dirigidas com o objetivo de manter o domínio deles. É nas estratégias dessas ideologias e discursos que devemos nos centrar para conseguir que a descolonização cultural seja cada vez mais possível e acessível.

## REFERÊNCIAS

CABRAL, Iva. Elites atlânticas: Ribeira Grande do Cabo Verde (séculos XVI-XVIII). In: ACTAS DO CONGRESSO INTERNACIONAL ESPAÇO ATLÂNTICO DE ANTIGO REGIME, CHAM, 2005. p. 1-9 Disponível em: [http://cvc.instituto-camoes.pt/eaar/coloquio/comunicacoes/iva\\_cabral.pdf](http://cvc.instituto-camoes.pt/eaar/coloquio/comunicacoes/iva_cabral.pdf). Acesso em: 10 jun. 2022.

DUARTE, Vera. *A Matriarca: uma estória de mestiçagens*. Praia: Pedro Cardoso, 2017.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

GILROY, Paul. *Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HALL, Stuart. Cultura e poder: entrevista a Stuart Hall. Trad. Junia Zaldan. In: ALMEIDA, Júlia.; PATROCÍNIO, Paulo. *Estudos culturais: legado e apropriações*. Campinas: Pontes, 2017. p. 15-52.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MADEIRA, João Paulo. A língua cabo-verdiana como elemento da identidade. *Revista de Letras*, v. 2, n. 12, p. 77-85, 2013.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

MIGUEL, Amâncio. Vera Duarte lança “A Matriarca” para resgatar a mestiçagem ancestral dos crioulos. *Voa*, 21 out. 2017. Disponível em <https://www.voaportugues.com/a/4080657.html>. Acesso em 17 jun. de 2022.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAID, Edward. Cultura, identidad e historia. In: SCHRÖDER, G; BREUNINGER, H. (orgs.) *Teoria de la Cultura: Un mapa de la cuestión*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005. p. 37-53.

SALLA, Thiago. A revista *Claridade* em chave freyreana: tradicionalismo e aproximação da metrópole portuguesa. *Via Atlântica*, v. 1, n. 25, p. 103-117, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/va.v0i25.69495>. Acesso em: 15 jun. de 2022.

*Recebido em: 28/03/2023*  
*Aprovado em: 15/05/2023*  
*Publicado em: 04/09/2023*



10.29281/r.decifrar.2022.1a\_9